

O casamento e as recomposições familiares

O exemplo da relação mãe-filha na França do século XIX

Gabrielle Houbre

Traduzido por Vera Lucia Soares

Resumo: No século XIX, a sociedade apoia-se principalmente na família, que também é a esfera por excelência das mulheres. As mães devem educar as filhas até o casamento, transmitindo-lhes os valores vinculados ao modelo de esposa-mãe. Dentro deste quadro, o casamento vem a ser um transtorno na economia familiar e o marido uma ameaça à relativa autonomia das relações mãe-filha. Percebe-se, ao longo do século, uma animosidade crescente entre genros, que querem gozar de seu poder marital, e sogras, a quem os costumes sociais reconhecem o privilégio da autoridade sobre as filhas. O enfrentamento dessas duas lógicas de gênero perdura por ocasião da chegada do primeiro filho que participa igualmente de uma complexa e, por vezes, dolorosa recomposição da ordem familiar e social.

Palavras-chave: mãe; filha; genro.

Se as relações mãe-filha apresentam, cada qual a seu modo, singularidades que desafiam o tempo, elas também inscrevem-se de forma específica na história. Nesse sentido, o século XIX foi o que mais se interessou por essas relações, teorizando-as e codificando-as a partir do conceito de “natureza feminina”, herdado do século anterior. Na verdade, o século XVIII foi decisivo para a elaboração e difusão de uma nova identidade feminina, representada sob duplo aspecto: físico e moral. Influenciados por Buffon – que, em seus trabalhos, dá a entender que tudo deriva do corpo – e por Rousseau – que se recusa a acreditar no pecado original da mulher e exalta sua familiaridade com a natureza, principalmente por sua função reprodutora –, os médicos das Luzes criam uma ciência médica racional que, fundada na observação da anatomia e da psicologia, deveria permitir a descoberta de toda a verdade sobre a natureza humana. Descreditando o modelo até então dominante do sexo único, que via o corpo feminino como uma variante inferiorizada do corpo masculino, passam a privilegiar a diferença sexual, não só a partir do exame dos órgãos genitais, como fora costume desde a Antigüidade até o século XVII, mas a partir de uma comparação minuciosa de cada elemento corporal. Editado pela primeira vez em 1775 e republicado até o final do Segundo Império, o *Sistema físico e moral da mulher (Système physique et moral de la femme)*, de Pierre Roussel, sistematiza, assim, uma natureza feminina vulnerável e sensitiva, dependente da força protetora e da razão masculinas. Do início do século XIX até praticamente os anos de 1960,

essa natureza feminina condena “a” mulher a uma subordinação irremediável ao corpo e a sua aptidão para a maternidade.

No século XIX, a mulher é mãe-educadora no seu lar ou, então, não é nada. Se, por conta do seu sexo, ela só pode cuidar do filho quando criança, a tutela da filha lhe é quase totalmente legada até o casamento. É evidente que, juridicamente, o pai é o responsável, mas, no cotidiano, deve eclipsar-se diante da esposa no que concerne à filha. Até a IIIª República, o Estado praticamente só se ocupa com a instrução dos meninos, deixando para a Igreja a formação das meninas e das mães. Qualquer que seja o meio social, o lugar da filha é junto da mãe. Na burguesia e na aristocracia, que ditaram esta regra, o único parêntese são os anos de pensionato. Quanto às operárias, criadas e camponesas, todas tentam, na medida do possível, fazer com que as filhas trabalhem ao seu lado. Sua vocação está em apresentar-se como modelo para as filhas e sua missão é a de inculcar-lhes as qualidades que definem seu sexo e que lhes permitirão desempenhar, o melhor possível, os papéis de esposa e mãe, de dona de casa ou criada. Essa formação, que carrega a marca de uma sociedade desigual e de moral seletiva, não se faz sem a transmissão de preconceitos, inibições e proibições vinculadas, sobretudo, ao corpo e à sexualidade. Qualquer que seja o sucesso dessa educação e o grau de sedução, confiança e amor que se possa atingir, a inevitável proximidade de umas com as outras, assim como sua estreita dependência, acentua a intensidade de uma relação de caráter muitas vezes passional.

Sogra e genro

O casamento representa, de certo, uma etapa crucial na relação mãe-filha. A chegada do marido, embora esperada e programada, modifica consideravelmente a economia familiar ao tirar a jovem donzela da tutela materna. Legalmente, é ele que agora detém todo o poder sobre a esposa, mesmo que os costumes sociais reconheçam, em parte, a perenidade da influência da mãe sobre a filha. A supremacia masculina é, pois, suscetível de contestação pela força dos laços entre mãe e filha. Em 1843, a condessa de Gasparin chama a atenção para as conseqüências funestas de um antagonismo incontrolado: “O absolutismo do amor materno e o absolutismo do amor conjugal se destroem entre eles: ambos reivindicam a autoridade suprema, ambos a posse do coração; e, enquanto mantêm esta ambição, excluem-se mutuamente” (GASPARIN, 1843, t. 2, p. 134, 136). Os observadores sociais interrogam-se sobre a maneira de conciliar, de um lado, o poder marital e o desejo de autonomia das

gerações adultas e, do outro, a exaltação da maternidade e a extrema valorização da relação mãe-filha (GOURDON, 2001, p. 181).

Dessas duas lógicas influentes no século XIX, a dominação masculina e o culto da mãe-educadora, propícias a criar rivalidades e conflitos logo que a filha se casa, adivinha-se facilmente qual sairá vencedora. Apoiando-se na Primeira Epístola aos Coríntios (XI, 3), que faz do homem o senhor da mulher, a condessa de Gasparin opõe a boa mãe à má. A primeira destaca-se por um ato de abnegação meritória, renunciando a qualquer prerrogativa sobre a filha: ela cerca o “santuário conjugal com um muro intransponível” e rechaça as “confidências que trairiam a intimidade do casamento”; a segunda, ao contrário, com ciúmes dos novos afetos da filha, vê o marido como um “inimigo oculto” e intromete-se abusivamente na vida do casal (GASPARIN, 1843, t. 2, p.134). No Segundo Império, o abade Bautain insiste nessa idéia em uma longa carta endereçada “a uma mãe que acaba de casar sua filha”, na qual previne aquela que se diz cristã a não se deixar levar pela paixão e injustiça, exclamando no dia seguinte às núpcias:

Eu não tenho mais filha, este homem me roubou sua afeição e usufrui sozinho do prêmio do meu amor e de meus sacrifícios! Assim, sofri e trabalhei durante vinte anos unicamente para um estrangeiro e a indiferença de minha filha será minha recompensa! (BAUTIN, 1861, t. 2, p. 256).

Em uma época em que não é raro o casal ficar vivendo um tempo com os pais da noiva, o perigo está em que a mãe queira governar a vida dos recém-casados. Daí, esta repreensão preventiva do abade: “Se a senhora persistir neste abuso de autoridade sua companhia se tornará uma opressão intolerável”. O marido estaria, então, no direito de se revoltar e ir morar sozinho com sua mulher, longe dessa mãe desnaturada. E a filha? O casamento não dissipa logo os hábitos de submissão que lhe foram inculcados desde a infância. Assim, segundo a condessa de Gasparin, dividida entre as exigências da mãe e os direitos do marido, a jovem não sabe mais a quem obedecer. Já para o abade Bautain, ela não é nada mais que um “bem” cedido pela mãe a “um outro mais poderoso” que passa a ser seu “verdadeiro proprietário e único senhor” (BAUTIN, 1861, t. 2 p. 258): isso quer dizer que a jovem mulher deve sempre eclipsar-se diante da mãe e, mais ainda, diante do marido.

As críticas feitas pelos homens às sogras indiscretas e abusivas são freqüentes no século XIX, sobretudo nas últimas décadas. Constant Lepage, um operário feliz por ter-se casado com a filha do patrão, dá um exemplo caricatural em suas memórias publicadas em 1900, sob o pseudônimo de Egapel. Instalado na casa dos sogros, prepara-se para passar sua noite de núpcias no quarto contíguo ao deles e tem a desagradável surpresa de ouvir a sogra, exageradamente preocupada com a filha, entreabrir a porta de comunicação. A jovem esposa

o convence a não fechá-la de novo, alegando que sua mãe não entraria no quarto e que isso a aborreceria, o que lhe arranca uma exclamação raivosa: “Sim, mas que noite! É preciso dar outras explicações?” E, continuando seu relato, acrescenta que, na manhã seguinte, a sogra, decididamente muito intrometida, entra no quarto nupcial enquanto ele está se arrumando: “Ela se dirige à filha e lhe diz secamente: E...? (sic). Eu me virei e vi minha esposa vermelha de vergonha...” Então, esboça um vão protesto: “Mas senhora, digo-lhe...— Ela ainda é minha filha, responde-me muito gentilmente, o senhor não pode reclamar dos cuidados de uma mãe” (EGAPEL, 1900, p. 193).

A correspondência de Samuel Pozzi, o pai da autora Catherine Pozzi, nos dá outra amostra da decepção de um marido que não suporta mais disputar com a sogra o coração de sua mulher. Este médico protestante e republicano, já muito conhecido na alta sociedade, casa-se em novembro de 1879 com Thérèse Loth-Cazalis, originária de uma família rica, católica e monarquista. Muito apaixonado pela mulher, como relata em carta a seu primo Cazalis, mostra-se desapontado, durante a viagem de núpcias, ao constatar que esta, muito ligada à mãe, sofre por ter tido de deixá-la bruscamente. E admite: “Thérèse mal se consola de ter deixado o colo materno: tive de agir com vigor, quase com violência” (JOSEPH, 1988, p. 22). De volta a Paris, sua impaciência cresce na medida em que percebe aumentar a ascendência da mãe sobre a filha: “Ela me torna odioso aos olhos de minha mulher”, queixa-se a Cazalis, apenas alguns meses após o casamento: “eu passei à condição de tirano e quase carrasco. Ah! se Thérèse me amasse! Mas ela me tem apenas afeição, assim como tem por sua mãe e isso vinte anos antes de mim!” (JOSEPH, 1988, p. 23), mostrando desta forma que, em matéria de ciúme, um genro entra facilmente em disputa com a sogra. De fato, Thérèse divide-se entre a mãe, que vê ainda mais amiúde desde que esta se mudou para um apartamento bem próximo, e o marido, a quem vem acolher após um dia de trabalho, como convém a uma esposa perfeita. Exasperado com essa situação, Samuel exige de Thérèse uma atenção mais exclusiva, sem sucesso. Desiludido, admite em abril de 1881 a Cazalis que, no dia em que sua esposa “o colocou friamente na balança” com a mãe, encarando a “possibilidade de uma separação, que só descartou após analisar o caso”, seu “amor foi mortalmente ferido”; “para ela serei sempre o melhor dos amigos; mas eu queria ser *mais*; queria ser *tudo*. Por que ela não quis?” pergunta-se, sem compreender que a mulher não teve a coragem de sacrificar, por ele, o amor da mãe e toda sua vida afetiva. Em seguida, Samuel acrescenta: “Assim, o casamento veio apenas agregar-se a sua vida de solteira e não substituí-la!” (JOSEPH, 1988, p. 23).

Brigas. Conciliações

As discórdias entre sogras e genros ou noras, em menor escala, foram a tônica das comédias musicais durante a III República. É interessante constatar que a violência das investidas contra as sogras é concomitante à pressão feminista, como se os homens, já escaldados pelo questionamento público de sua supremacia, vissem as sogras como um cúmplice dessa contestação que vem provocá-los dentro de seus próprios lares. Em um livreto de 1878 intitulado, *A maneira de tratar as sogras como elas merecem (La manière de traiter les belles-mère comme elles le méritent)*, – que é um programa em si mesmo –, o narrador propõe, de forma divertida, um projeto de lei com 11 artigos, sendo que o quarto proíbe a “sogra de dar a sua filha conselhos de emancipação contra as leis autoritárias do marido”; entre os outros artigos previsíveis, encontram-se: “Cassação das sogras recalcitrantes”, “Expulsão total e irrestrita de uma sogra rabugenta de dentro de um lar”, “Proibição à sogra de fazer complô com a filha contra o genro” etc.¹ Em 1887, no momento em que as peças de teatro e os romances fazem do triângulo “o marido, a mulher e a sogra” uma alternativa original àquele que nunca sai de moda, “o marido, a mulher, e o amante”, Alfred Carel publica um panfleto corrosivo contra “As sogras”, esta “calamidade da sociedade” (CAREL, 1887, p. II). E, para ilustrar seu propósito, não hesita em evocar as disputas retumbantes que colocaram a filha de George Sand, Solange, e seu esposo, o escultor Jean-Baptiste Clésinger, contra a mãe e a sogra, respectivamente: George Sand, agredida pelo genro durante uma contenda familiar, acabou expulsando-o de casa com Solange, alguns meses depois do casamento, em 1847.

Os desentendimentos entre protagonistas que têm dificuldades de se afinar a três em uma partitura que preferem tocar a dois, se bem tenham dado o que falar, não devem ser supervalorizados. Ascendentes e descendentes sabem geralmente se entender para resguardar a aliança de parentesco e os interesses do grupo familiar, dissimulando ou, até mesmo, ocultando eventuais dissensões. Após seu casamento, em junho de 1831, a literata Delphine Gay e seu esposo, o jornalista Émile de Girardin, em busca de um teto, instalam-se por algum tempo em casa de Sophie Gay, que fica muito feliz de poder ter a filha um pouco mais junto dela. As duas mulheres sempre tiveram uma relação muito estreita e nem mesmo os sucessos literários de Delphine, que eclipsaram um pouco a notoriedade de sua mãe, conseguiram

¹ LA MANIÈRE de traiter les belles-mères comme elles le méritent. Paris: Ratier, 1878. p. 1-8.

afetá-la. Em dezembro de 1832, depois do êxito alcançado pelo jornalista com o lançamento de um de seus jornais, o casal decide ser autônomo e adquirir um hotel particular em Chaussée-d'Antin. Sophie Gay fica, então, sozinha e sofre desesperadamente com a ausência da filha. Sua amiga e poeta, Marceline Desbordes-Valmore, dá conta de sua profunda aflição em uma carta escrita, em 6 de dezembro de 1832, ao marido:

[Sophie Gay] está desesperada de dor e chora mais do que fala. Delphine a deixou há cinco dias. Seus destinos estão separados, agora ela está só e longe desta glória que a consolava de todas as suas glórias moribundas. É muito triste ver chorar uma mulher tão brilhante e senti-la ferida de morte DESBORDES-VALMORE apud MALO, 1925, p. 5).

Nos casos em que as relações mãe-filha são mais tensas, o casamento pode marcar o início de uma etapa salutar. É o que mostra o diário da senhora de Lamartine que, após o nascimento de seu filho Alphonse (o futuro poeta), teve mais seis filhas. Esta senhora constata ter ficado tão perturbada com as crises de humor de sua filha mais velha, Cécile, durante a infância e a adolescência que, logo que esta atingiu a idade de se casar, apressou-se em encontrar-lhe um marido; mas, com a chegada do casamento, ela redescobre a filha sob novo ângulo. Por ocasião das temporadas regulares que Cécile passa em companhia da mãe, esta não cansa de tecer-lhe elogios, dizendo-se, em 12 de outubro de 1813, “extremamente contente” ao constatar com prazer que, em todos os lugares onde a filha vai, é sempre muito querida e que, mesmo doente, conserva “uma alegria, um equilíbrio de humor que encantam a todos”.² Com o passar do tempo, a senhora de Lamartine, que, por ocasião de nascimentos ou doenças, acolhe suas filhas já estabelecidas ou se divide entre seus lares, sente a cada separação um pouco mais de saudades. Em 26 de março de 1819, é a contragosto que encerra uma visita a Cécile que não pára de encantar-lhe: “Achei muito agradável o tempo que passei com ela. Desfrutei de todas as suas boas e amáveis qualidades e, por vezes, cheguei quase a me orgulhar delas”. Lembrando-se, no entanto, das antigas brigas com a filha, acrescenta: “Mas, que pena! Não contribuí em nada para isso; eu estava mais apta a mimá-las do que a educá-las”.³

Duplamente mãe

² LAMARTINE, Alix de. *Le Journal de Madame de Lamartine*. Présenté et annoté par Michel Domange. Paris: Minard, 1983, t. 2. p. 54.

³ *ibidem*, p. 142.

A senhora de Lamartine age, portanto, de perfeito acordo com o que a sociedade do século XIX espera de uma mulher na sua posição. Conforme explica o pedagogo Louis-Aimé Martin, em 1834, longe de “transformar-se em um ser inútil e passivo após o casamento de seus filhos”, a mãe deve tornar-se “o anjo da guarda de sua nova família” (MARTIN, 1847, p. 85). Para tanto, é preciso que se conforme em afastar-se das frivolidades do mundo que, aliás, só podem trazer decepções para uma mulher que perdeu o frescor da juventude. Nada mais deslocado que uma infeliz “já bem madura”, coberta de roupas suntuosas, correndo “atrás de vãs homenagens que lhe fogem”, em lugar de ceder à filha casada a vez de brilhar na sociedade (MARTIN, 1847, p. 88). Isso também é válido quando se trata de duas literatas que ocupam lugar de destaque na sociedade parisiense e cujas recepções poderiam entrar em concorrência. Assim é que Sophie Gay, ao aproximar-se dos 60 anos, quer dizer da velhice, desiste de receber em Paris, pois se dá conta de que o salão de sua filha Delphine ultrapassa em muito o seu pelo brilho e notoriedade dos frequentadores. Decide, então, em 1836, aposentar-se da vida mundana, indo instalar-se em Versailles e deixando Delphine triunfar com um dos mais famosos e concorridos salões da capital.

Como o casal Girardin não tem filhos, Sophie Gay não terá a oportunidade de representar o novo papel que lhe caberia: o de avó. Vale dizer que, nesta sociedade, não se admite que uma mulher, mesmo depois de ter assegurado o futuro dos filhos, possa viver em função de seus próprios interesses. Após ter-se dedicado à mãe, ao marido e aos filhos, ela deve continuar sua sublime missão junto aos netos. O dever e a natureza de seu sexo impõem-lhe aliar-se ao ideal de ser avó. Restituindo às mulheres deveres que já tinham cumprido, este ideal promove, então, a reconciliação entre sogra e genro. Isto porque, quando se trata de filhos, mesmo ainda por vir, as competências da mulher são evidentes e o marido pode submeter-se a elas sem abdicar absolutamente de sua autoridade. Durante a gravidez, a mãe é certamente a mais indicada para compreender as indisposições da filha, prevenir os acidentes, prestar-lhe os cuidados e o reconforto oportunos. Faz-se ainda necessário que ela tenha uma boa recordação de suas gestações, o que não foi, por exemplo, o caso da rainha Vitória, da Inglaterra, que detestou as nove vezes em que esteve grávida e, em sua correspondência com a filha mais velha, não se cansava de implorar-lhe para espaçar os nascimentos, caso não quisesse perder irremediavelmente sua liberdade. Em uma carta, de 15 de junho de 1858, pouco sensível à emoção da filha mais velha, Vicky, grávida de seu primeiro rebento, responde-lhe sem floreios:

O que você diz sobre o orgulho de pôr no mundo um ser imortal é muito bonito, minha querida, mas confesso que isso me deixa indiferente; tenho,

sobretudo, a impressão de que nos assemelhamos a uma vaca ou a uma cadela nessas ocasiões em que nossa pobre natureza torna-se animal, estranha ao êxtase...⁴

Longe desses propósitos prosaicos, Louis-Aimé Martin se compraz, na sua *Educação de mães de família* (*Éducation des mères de famille*), em representar os deveres de uma mãe para com a filha, quando soa a hora do nascimento. Se as primeiras dores fazem “fugir o jovem esposo”, elas “acorrentam a mãe ao leito da filha”. E o pedagogo vê esse momento como uma recompensa para a avó que, graças ao recém-nascido, torna-se “duplamente mãe” e reencontra as “emoções da juventude e as alegrias da maternidade” (MARTIN, 1847, p. 86). Para o escritor Ernest Legouv  , que publica, em 1849, uma *História moral das mulheres* (*Histoire morale des femmes*), relativamente progressista para a época, o recém-nascido fecha o ciclo vital já que, depois que a mãe deu à luz sua filha e esta teve um beb  , este último restitui a vida    futura av  : “Ao ver seu filho, aliás, seu neto, denomina  o ainda mais doce, a pobre abandonada renasce como por milagre para vida e sente, com deliciosa surpresa, despertar em sua alma, que acreditava morta, um amor maternal desconhecido e penetrante” (LEGOUVÉ, 1849, p. 320).

O nascimento do primeiro filho consagra, portanto, a figura valorizada da avó, mascarando, muito a propósito, a outra figura tão criticada da sogra. Além disso, atua como um verdadeiro regenerador da rela  o mãe-filha, após um relativo afastamento no início da vida conjugal. Isto se concordarmos com autores, como Legouv  , para os quais uma jovem mulher, passado o “primeiro arrebatamento de felicidade como esposa”, volta-se para a mãe quando nasce seu primeiro filho: “O recém-nascido é o conciliador que renova repentinamente esses laços que pareciam quase rompidos” (LEGOUVÉ, 1849, p. 320). Habitualmente, a futura av   oferece o enxoval do primeiro beb  , o que de acordo com o manual de *savoir-vivre*,⁵ publicado por Louise d’Alq em 1881,    uma maneira de reafirmar sua primazia sobre a filha (ALQ, 1881, t. 1. p. 90). Enfim, dispensando-lhe todos os conselhos úteis para sua próxima maternidade e, em seguida, assistindo ao parto, ela dá o toque final ao ciclo de aprendizagem dos três papéis que estruturam a vida de uma mulher: filha, esposa e mãe. No caso de falecimento da mãe, uma filha pode voltar-se para sua sogra, como o fez a mulher de um oficial francês, na Conchinchina, um pouco confusa ao descobrir que estava grávida e que não sabia quase nada sobre beb  s:

⁴ DEAREST child, letters between Queen Victoria and the Princess Royal, 1858-1861. London: Evans Bros, 1964. p. 115.

⁵ Optou-se por não se traduzir esta expressão francesa, considerando que ela já foi incorporada ao léxico português, conforme consta no *Novo Dicionário AURÉLIO da Língua Portuguesa*: “savoir-vivre. [Fr.] S. m.

Eu me perguntava como poderia prestar-lhe os cuidados necessários e vesti-lo; eu não tinha mãe para me dar uma luz nesse sentido. Então, escrevi uma longa carta a minha sogra na França, pedindo-lhe que me desse todos os conselhos advindos de sua experiência e me enviasse um enxoval completo, além de um boneco do tamanho de um bebê verdadeiro e todo vestido; três meses depois, recebi a resposta bem detalhada, o enxoval e tudo o mais de que poderia necessitar.⁶

Do papel da avó

Assim, o nascimento do primeiro neto reveste-se de uma importância singular, como testemunha o ritual que o cerca. Ele justifica, pelo menos nos meios privilegiados, que a filha vá para a casa de sua mãe na época do parto, o que é uma maneira de renovar-lhe a deferência. A partir daí, já plenamente emancipada da tutela parental por conta desta primeira maternidade, a filha passa, então, a receber a mãe, em sua própria esfera de autoridade, para o nascimento dos outros filhos. Essa norma se mantém pelo menos até o período do entreguerras, quando os partos no meio hospitalar começam a substituir as práticas de parto em casa. A senhora de Lamartine, que tem quatro de suas filhas estabelecidas em regiões por vezes muito afastadas de sua própria casa, em Milly, faz o melhor que pode para conciliar pragmatismo e tradição. Cécile, a mais velha, traz ao mundo, em Milly, sua primeira filha a quem dá, seguindo um costume muito respeitado, o mesmo nome da avó, Alix. Já a segunda e a terceira não podem fazer o mesmo, o que entristece muito a senhora de Lamartine que se vê também impossibilitada de ir ao encontro das filhas. Em seu diário, confessa sentir uma “dor profunda” porque Eugénie, a segunda, desiste de vir. E, com relação à terceira, Césarine, aflige-lhe a idéia de que a filha dê à luz “abandonada por sua família”: – “Eu não posso ir e Cécile, que eu esperava que fosse no meu lugar, também não pode mais ir”⁷. Em compensação, terá a satisfação de acolher sua caçula, Sophie, para o nascimento de uma menina, de quem, aliás, será a madrinha. Para os outros nascimentos, ela tenta deslocar-se, sempre que possível, até a casa de suas filhas, não sem deixar escapar algumas queixas com relação ao peso da obrigação: – “Esta pobre Césarine começa a me dar a entender que teria vontade que eu fosse assistir a seu parto no próximo verão. Isto seria um transtorno para mim, mas se estiver na ordem de meus deveres, Deus me dará uma ajuda” – assim escreve, em 23 de fevereiro de 1822, antes de ir, finalmente, ao encontro da filha... algumas horas após o

Conhecimento das normas da vida social, do uso da educação, do tato no convívio social” (NOVO Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. [S.l.: s.n.], 1986, p.).

⁶ RÉCIT d’une jeune femme: Espagne, Extrême-Orient, France. Paris-Lyon: Delhomme et Briguet, 1883. p. 198.

⁷ LAMARTINE, op. cit., p. 157.

nascimento de uma outra pequena Alix. Esta reduplicação de nome marca o forte apego à figura materna.⁸

No momento do parto propriamente dito, ao qual a mãe assiste, contrariamente ao marido, ela é o primeiro membro da família a pegar o bebê, antes mesmo da própria genitora, em um gestual eminentemente simbólico. Quando a literata Valérie Feuillet dá à luz seu primeiro filho, em 1852, sua mãe o toma nos braços “como uma relíquia” antes de ir “abrir-lhe o cueiro diante dos olhares amigos”, na medida em que se trata, evidentemente, de um menino (FEUILLET, 1894, p. 160). O romancista Gustave Droz, em *Monsieur, Madame et Bébé*, best-seller publicado em 1867, respeita igualmente esse costume. Quando do nascimento do primogênito do seu casal protagonista, o médico coloca o recém-nascido sobre o avental da avó, em torno da qual se comprimem os membros da família; é ela quem toma, então, todas as iniciativas: “Enfermeira, mande aquecer os cueiros, passe-me as toucas” (DROZ, 1867, p. 282). Por outro lado, não se admite que a avó usurpe as prerrogativas da parteira ou do médico durante o parto, nem as dos pais na educação da criança. Cabe-lhe apenas dar conselhos, fazer recomendações, caso a consultem e, sendo necessário, tranquilizar a mãe, como gosta de imaginar Ernest Legouvé:

É a avó que ameniza, através de suas lembranças, as inquietações da jovem mãe com seus filhos. Ela a vê assustada com o temperamento deles? “- Você também foi bem geniosa”, lhe diz, e a mãe se acalma. Ela a vê confusa diante de um mal-estar? “- Não tenha medo, eu curei você desse mesmo mal em um dia”. É assim que ela a instrui, é assim que a guia (LEGOUVÉ, 1849, p. 290).

A diferença sexual está mais do que nunca presente na construção da filiação, pois segundo a fórmula de Louis-Aimé Martin, a avó “faz com que as filhas se pareçam com a mãe” (MARTIN, 1847, p. 88). É bem verdade que as avós se interessam mais em estreitar os laços com as netas do que com os netos. É comum ver mulheres já livres das obrigações maternas, após o casamento dos filhos, mergulharem com prazer na educação de uma de suas netas. Um dos exemplos mais famosos é o da senhora d’Épinay, no século XVIII. Sozinha em Paris, depois do estabelecimento da filha nas terras do marido, ela reclama a guarda de sua neta Émilie, a quem adora, como informa, em 4 de outubro de 1769, a seu amigo, o abade Galiani:

Acaba de me chegar dos confins dos Pirineus uma de minhas netas, de dois anos, que é uma criaturinha muito original. Ela é morena como uma toupeira, tem uma seriedade espanhola e uma selvageria realmente huroniana (...) Aposto que terá um caráter forte, aposto que sim. E para que o conserve, tenho vontade de cuidar desta criaturinha (...) Amanhã mesmo, eu a seqüestro de sua mãe, apodero-me dela e, aí, veremos uma vez uma

⁸ ibidem, p. 264.

criança não reprimida, nem intimidada. Será o primeiro exemplo em Paris (ÉPINAY, 1996, p. 2).

É assim que a menina recebe uma educação excepcional em modernidade e riqueza, da qual *As conversas de Émilie* (*Les Conversations d'Émilie*) dão um testemunho surpreendente. Esta obra, elaborada a partir de diálogos entre a senhora d'Épinay e sua neta, marca uma etapa importante nas teorias pedagógicas concernentes às meninas. Desde a sua primeira edição, em 1774, o livro faz grande sucesso e consagra definitivamente a reputação da autora como literata, chegando a ponto de seduzir até mesmo a imperatriz Catarina II, da Rússia, que o transforma em um de seus livros de cabeceira.

Quando as circunstâncias permitem ou exigem, como no caso da mãe não poder educar a filha por motivo de falecimento ou incapacidade temporária, é muito comum recorrer-se à avó. É dessa forma que a senhora de Lamartine, ao sentir Cécile enfraquecida com o nascimento de sua quinta filha, em março de 1821, procura tranqüilizá-la, propondo-lhe cuidar da neta: “Quando se tem quatro filhas, uma a mais ou a menos não faz diferença; aliás, se você não se importar, eu a levarei comigo. Sinto-me cativada por ela”.⁹ Cécile prefere ficar com a recém-nascida, mas é com alívio que deixa a mãe se ocupar totalmente da educação da mais velha, pois já está sobrecarregada com a alimentação e a educação das quatro outras, às quais logo vêm se juntar mais duas gêmeas. Outro caso de destaque é o de George Sand que, sabendo das brigas violentas do casal Clésinger, se propõe a cuidar da neta apesar das relações execráveis que mantém com Solange e o genro. Lança-se, então, com entusiasmo, na educação de Nini, que passa longas temporadas em Nohant, a partir de 1852. Por conta disso, aproxima-se um pouco mais de Solange, embora não possa evitar que a guarda da neta seja um eterno motivo de discussão entre a filha e o marido. Mas, durante uma temporada com o pai, Nini vem a falecer por causa de uma escarlatina malcuidada. Desesperada, George Sand acusa o genro de ter “assassinado” sua neta, em uma carta escrita, em 17 janeiro de 1855, ao editor Hetzel. E, no dia seguinte, confessa a Delphine de Girardin ter passado a manhã contemplando as bonecas deixadas pela menina:

Até sobre minha escrivaniinha havia brinquedos favoritos a sua espera. Beijamos como relíquias as últimas roupinhas que ela costurou em seu leito de morte. Minha pobre filha está destroçada e não somos só nós, é todo o país que chora a bela e infeliz Nini (SAND, 1978, t. 13, p. 30, 37).

⁹ LES CONFIDENCES de Madame de Lamartine à ses filles d'après une correspondance inédite de la mère du poète. Paris: 1957. p. 104.

A última separação

George Sand arrumou o enterro da neta em sua casa, em Nohant, da mesma forma que o fizera a senhora de Lamartine, quando da morte, aos dois anos de idade, de uma de suas netas, em 4 de outubro de 1819. Naquela ocasião, encarregara-se, no lugar da filha Eugénie, de mandar sepultar a neta no mesmo local onde estava outra de suas filhas, morta ainda criança, em 1798, reafirmando assim, na morte, a filiação materna sobre três gerações:

A menina foi enterrada ontem à noite, sua mãe nem percebeu. Mandeí colocá-la mais ou menos no mesmo lugar onde foi sepultada minha pequena Clémentine há 21 anos. Ela tinha quinze meses, minha Mélanie tinha 26. Todas duas eram lindas como anjos. Esta beleza foi toda para Deus.¹⁰

Aliás, é incrível como a senhora de Lamartine nota, na mesma ocasião, o prolongamento da permanência de Eugénie, em Milly, acrescentando: “Parece-me que em circunstâncias como esta estamos sempre melhor em nossa casa que em outro lugar”, o que restabelece, de vez, o primado da ascendência, simbolizada pela moradia parental, em detrimento do marido e do parentesco por aliança. No fundo, embora a senhora de Lamartine demonstre grande sofrimento com o falecimento da neta, como há 15 anos, com a morte de sua mãe, sentindo-se consternada por não vê-la mais neste “mundo perecível”, sua dor é bem maior quando perde, no intervalo de três meses, duas de suas filhas que sucumbem a uma epidemia. Em 24 de maio de 1824, desesperada com a agonia de Suzanne, de 24 anos, que se sucede à de Césarine, ela mostra, no trecho que se segue, como a graça de sua fé parece reiterar-lhe a maternidade e torná-la perene:

Quero, no entanto, redobrar os esforços para preparar minha Suzanne para esta grande passagem do mundo para a eternidade. Ontem, eu me dizia em minha dor que esta foi uma segunda concepção que Deus me deu. Eu a concebi uma vez para um tempo, mas a concepção que deve fazê-la nascer para a imortalidade deve me custar muito mais!¹¹

É evidente que, por ocasião do falecimento, a identidade e a solidariedade de sexo exprimem-se com mais espontaneidade e força do que no momento do nascimento. Assim, Lucile Le Verrier, cujo diário atesta, muitas vezes, falta de ternura maternal, desvela, no entanto, este sentimento, em 6 de maio de 1878, seis meses após a morte de sua mãe:

E o que éramos uma para a outra, só Deus sabe. Sim, somente Deus. Mamãe deixou um pai, um filho, um genro, netos, mas ela só faz *falta* mesmo a sua filha. É que existe uma grande diferença entre *ser pranteado* e *fazer falta, deixar um vazio*! Para mim, o vazio subsiste mesmo que existam grandes momentos de felicidade.¹²

¹⁰ LAMARTINE, op. cit., p. 156.

¹¹ Ibidem, p. 293.

O século XIX está cheio de exemplos de ligações excepcionais entre mães e filhas, às quais tanto o sistema educativo familiar quanto a divisão dos sexos dão uma intensidade singular. O instante da última separação reconcilia quase sempre mães e filhas que nem sempre conseguiram se dar bem, compreender-se, aceitar-se. Já para aquelas que a vida não desuniu, a morte, para além do sofrimento da que fica, pode ser percebida como o retorno simbiótico às origens da vida. É o caso de Catherine Pozzi que, tomando conhecimento, aos cinquenta anos, do desaparecimento de sua mãe, com a qual sempre manteve uma relação apaixonada, escreve em letras capitais no seu diário:

14 de março de 1932. Às 6 horas da manhã. MINHA MAMÃE. OH! MINHA ADORADA, A PRIMEIRA UMA CRIANÇA, A ÚLTIMA TOTALMENTE PERDIDA, AGORA NÃO NOS DEIXAREMOS MAIS. AGORA, EU TE TENHO POR INTEIRO, AGORA, TU NÃO ME DEIXARÁS MAIS. AGORA, SOMOS UM TODO. AGORA, EU NÃO TE DIVIDO MAIS... (POZZI, 1995, p. 602).

Conclusão

Em um estudo consagrado às versões orais de *Chapeuzinho Vermelho*, a etnóloga Yvonne Verdier chama a atenção para as divergências fundamentais que as distinguem da tradição literária, representada especialmente por Charles Perrault, no final do século XVII, ou pelos irmãos Grimm, no início do XIX. Essas versões orais mais antigas contêm, em particular, um leitmotiv deixado de lado pelos escritores: o de chapeuzinho vermelho que come a carne da avó, aliás, também devorada pelo lobo. Yvonne Verdier relaciona esta refeição macabra aos três momentos da feminilidade – puberdade, maternidade, menopausa – que correspondem a três níveis genealógicos: menina, mãe e, enfim, avó. A menina, explica a etnóloga, inicia um processo de eliminação da mãe desde a puberdade, leva-o adiante até aceder a uma sexualidade de casal, concluindo-o quando, por sua vez, procria. O conto que, em suma, confunde a avó com a mãe, exprime, pois, o determinismo das transformações biológicas femininas que, ao longo da vida, levam à eliminação das velhas pelas jovens: para a sociedade, o ciclo de reprodução fecha-se quando a filha torna-se mãe e, conseqüentemente, a mãe torna-se avó (VERDIER, 1995, p. 184). É sintomático que esta versão, não reconhecida pela escola e pelos editores e cuja moral é: – “Vovós, cuidado com suas netinhas”, nunca tenha transposto o quadro regional e que, a partir do século XVII, venha a triunfar a versão de Perrault, que transformou a moral em um conselho às meninas: – “Meninas, cuidado com o lobo mau”.

¹² LE VERRIER, Lucile. *Journal d'une jeune fille Second Empire*, 1866-1878. Paris: Zulma, 1994. p. 273.

De forma paroxísmica, longe de aceitar o ato de canibalismo emancipador perpetrado por uma menina contra sua avó, o século XIX celebra, em vez disso, as virtudes regeneradoras da dupla maternidade, fechando, assim, o ciclo feminino alienante da perpetuação. E, destorcendo a idéia de um perigo potencial inerente ao próprio sexo, proclama, ao contrário, que o lobo é o outro.

Traduzido do francês por:

Vera Lucia Soares

Abstract: In the XIXth century, society is first and foremost grounded in the family structure, which is also the domain in which women excel. In its midst, mothers must educate their daughters until they marry and expose them to the values attached to the wife-mother model. Within that frame, marriage comes as a total upheaval in the economy of the family, with the husband becoming a threat to the relatively autonomous mother-daughter relationships. Throughout the 1800's, a growing animosity between sons-in-law and mothers-in-law can be perceived, the former very much willing to enjoy and take advantage of their marital power, while society still grants the latter the privilege of authority over their daughters. The battle opposing both gender logics continues and is amplified with the birth of the first child who in his/her turn partakes of a complex and sometimes painful recomposition of the social and family orders.

Keywords: mother; daughter; son-in-law.

(Recebido e aprovado para publicação em abril de 2005.)

Notas

REFERÊNCIAS

ALQ, Louise d'. *Le savoir-vivre en toutes les circonstances de la vie*. Paris: Bureaux des causeries familiaires, 1881.

BAUTAIN, Abbé. À une mère qui vient de marier sa fille. In: _____. *La Chrétienne de nos jours*. Paris: Hachette, 1861.

CAREL, Alfred. *Les Belles-mères*. Paris: Monnier, 1887.

LES CONFIDENCES de Madame de Lamartine à ses filles d'après une correspondance inédite de la mère du poète. Paris: [s.n.], 1957.

DEAREST child, letters between Queen Victoria and the Princess Royal, 1858-1861. London: Evans Bros, 1964.

DROZ, Gustave. *Monsieur, madame et bébé*. Paris: Hetzel, 1867.

- EGAPEL, X. *Soixante ans de la vie d'un prolétaire*. Paris: Vanier, 1900.
- EPINAY, Louise Tardieu d'Esclavelles. *Les Conversations d'Émilie*. Édition Rosena Davison. Oxford: Voltaire Foundation, 1774c, 1996.
- FEUILLET, Valérie. *Quelques années de ma vie*. Paris: Calmann-Lévy, 1894.
- GASPARIN, Comtesse Valérie de. De l'accomplissement de quelques devoirs spéciaux. In: _____. *Le Mariage au point de vue chrétien*. Paris: Delay, 1843. 3v.
- GOURDON, Vincent. *Histoire des grands-parents*. Paris: Perrin, 2001.
- JOSEPH, Lawrence. *Catherine Pozzi: une robe couleur du temps*. Paris: La Différence, 1988.
- LE VERRIER, Lucile. *Journal d'une jeune fille Second Empire, 1866-1878*. Paris: Zulma, 1994.
- LAMARTINE, Alix de. *Le Journal de Madame de Lamartine*. Présenté et annoté par Michel Domange. Paris: Minard, 1983.
- LEGOUVÉ, Ernest. *Histoire morale des femmes*. Paris: Sandré, 1849.
- MALO, Henri. *La Gloire du Vicomte de Launay, Delphine de Girardin*. Paris: Émile-Paul Frères, 1925.
- LA MANIÈRE de traiter les belles-mères comme elles le méritent. Paris: Ratier, 1878.
- MARTIN, Louis-Aimé. *De l'éducation des mères de famille ou de la civilisation du genre humain par les femmes*. Paris: Gosselin, 1834c, 1847.
- SAVOIR-VIVRE. In: NOVO dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. [S.l.: s.n.], 1986. p.
- POZZI, Catherine. *Journal de jeunesse, 1893-1906*. Lagrasse: Verdier, 1995.
- RÉCIT d'une jeune femme: espagne, Extrême-Orient, France. Paris: Delhomme et Briguet, 1883.
- SAND, George. *Correspondance*. Paris: Garnier, 1978.
- VERDIER, Yvonne. Le petit chaperon rouge dans la tradition orale. In: _____. *Coutume et destin*. Thomas Hardy et autres essais. Paris: Gallimard, 1980c, 1995.